

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Cidade para os jovens. Equipamentos públicos e garantia de direitos sociais. O caso de Brasília/DF.

Lúcio Magda de Lima.

Cita:

Lúcio Magda de Lima (2009). *Cidade para os jovens. Equipamentos públicos e garantia de direitos sociais. O caso de Brasília/DF. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/186>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Cidade para os jovens Equipamentos públicos e garantia de direitos sociais

O caso de Brasília/DF

Lúcio Magda de Lima

Introdução

Este ensaio tem como objetivo apresentar resultados preliminares de uma pesquisa mais extensa que se encontra ainda em fase de desenvolvimento, neste momento, de coleta e análise de dados empíricos. Trata-se da pesquisa *juventude e políticas públicas: cidade, espaços e equipamentos públicos de uso coletivo*, com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa (FAP/DF), que conta com o apoio de cinco bolsistas de Iniciação Científica Júnior, estudantes de Ensino Médio, moradores da cidade do Gama, objeto empírico deste trabalho. Para constituição do corpus metodológico lançamos mão da metodologia qualitativa, em particular da abordagem reflexiva, de acordo com os apontamentos de Alberto Melucci (2005), segundo ele, os modos de fazer a pesquisa são inseparáveis dos objetos de sua reflexão, assim na pesquisa não nos restringimos a interrogar sobre o “porquê” dos fenômenos sociais, mas também pelo “como”. Nesse sentido buscamos apresentar boas perguntas, perguntas que estão sendo feitas por aqueles que habitam e circulam na cidade que estamos pesquisando. Os valores, expectativas, visões de mundo dos jovens foram tomados como

ponto primeiro da pesquisa, porque estes têm sido percebidos e construídas com eles e para eles. Em suma, esta pesquisa assumiu o caráter dialógico como bússola orientadora das atividades e das escolhas epistemológicas e metodológicas.

Para compor o corpus utilizamos as técnicas da observação participante e grupo focal. Nessa medida as práticas narrativas e sociais foram percebidas como intrinsecamente conectadas e como base para análise do material empírico coletado. A escolha de utilização do grupo focal deve-se à concordância com Bauer e Gaskell (2002) de que “poder-se-ia caracterizar o grupo focal como sendo parecido com a descrição feita por Habermas (1992) da esfera pública ideal” (p.72). Reunir jovens de uma mesma cidade, até certo ponto desconhecidos, porém, estudantes de uma mesma escola, trouxe à pesquisa a possibilidade de se discutir pontos de interesse comum em que o status de cada participante não seria o ponto central do debate e sim, as experiências acumuladas em relação à vivência em uma cidade distante do centro urbano, neste caso, a Capital Federal do país.

A técnica de observação participante nos permitiu inserir pesquisadores juniores no campo de pesquisa a partir de um roteiro antecipadamente discutido e definido com eles. O objeto de nossa observação foi o local de encontro de jovens nas noites de sábado, ao redor do único shopping center da cidade do Gama. O objetivo da atividade era provocar um olhar de estranhamento entre os pesquisadores, para que esses, também moradores da cidade pudessem criar mecanismos de rupturas para apreender a essência do fenômeno, no caso a ocupação do espaço urbano da cidade, em particular dos equipamentos públicos disponíveis para os jovens. Essa estratégia, segundo FOUREZ (1995), permite ao pesquisador a construção de um modelo teórico ao se depreender uma ruptura com a visão espontânea dos fenômenos sociais.

O debate, a troca de pontos de vista, experiências distintas, muitas vezes explicitadas de forma desconexa ao ser tratada pelo pesquisador podem revelar uma lógica subjacente capaz de explicar outras ocorrências na cidade, tais como a existência de grupos sociais que não se integram à escola, outros que optam por ações consideradas marginais e assim por diante. Segundo Karl Mannheim (apud. WELLER, 2004, p. 104), as visões de mundo resultam de

...uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos. A visão de mundo não é a totalidade das formações espirituais presentes em uma determinada época, nem a soma dos indivíduos existentes nessa época, mas o conjunto de vivências ou experiências interconectadas estruturalmente,

podendo ser determinada tanto pelas criações espirituais como pelos grupos sociais formados.

A visão de mundo, seria, portanto, algo situado entre os níveis social e espiritual, e não estariam perceptíveis sob um primeiro olhar, mas se tornariam observáveis na medida em que fosse analisada sob a perspectiva de um “problema específico, constituindo-se dessa forma, como objeto teórico” (WELLER, 2002). A autora chama a atenção para o cuidado de não se confundir visão de mundo com imagens de mundo ou ainda com algo que tenha sido pensado ou produzido teoricamente. Segundo ela,

as visões de mundo se constituem a partir de ações práticas e pertencem ao campo que Mannheim definiu como sendo do conhecimento ateórico. Encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito do grupo pesquisado, explicitá-lo e defini-lo teoricamente, passa a ser – segundo Mannheim – o papel do pesquisador científico (WELLER, 2004, P. 104).

Nessa medida, procuramos estabelecer conexões entre as expectativas e considerações explicitadas nas falas colhidas para compreender as possibilidades ofertadas pela cidade para constituição da subjetividade dos jovens e uma narrativa de futuro em que a cidadania e a constituição de sujeitos integrais e responsáveis socialmente fossem estruturante da identidade destes jovens.

I. O lugar como possibilidade de apreensão das visões de mundo dos jovens

Segundo Milton Santos, o espaço geográfico é uma instância social, assim como a economia, a cultura e a política e para realizá-lo distingue espaço e lugar. O primeiro, seria algo indivisível dos seres humanos, esses por sua vez, transformam o espaço cotidianamente por meio da atribuição de significados e usos. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que o espaço é forma é também função. Ou seja, é um conceito híbrido em permanente mudança e transformação. Em síntese o espaço seria um conjunto de objetos e um conjunto de ações (SANTOS: 1996. O lugar seria a categoria real e concreta, onde tudo acontece. Neste trabalho nos apoiamos em Milton Santos para afirmar que o espaço local seria aquele vivido por todos, onde se dá a relação de vizinhança, em que o acontecer solidário tem lugar, gerando valores de diversas naturezas.

Servimos-nos ainda da contribuição de Bourdieu (2003) para afirmar o espaço urbano como um espaço construído socialmente e que provoca efeitos de lugar. Esse lugar transformado constrói e ressignifica as subjetividades e molda tipos urbanos específicos, em particular, nesta pesquisa, os

jovens. Amparados por esta concepção tentamos compreender em nosso estudo como se dá a ocupação e apropriação da cidade pela população jovem, em particular como os jovens de uma cidade periférica fazem uso dos equipamentos públicos de uso coletivo e muitas vezes os ressignifica. Para situarmos o leitor, passamos a uma sucinta apresentação do processo de construção da Capital Federal, Brasília, e de suas respectivas cidades satélites.

II. Nasce o sonho, Brasília é construída.

Castelo Branco (1987) afirma que a idéia de interiorizar a capital da República está organicamente ligada à influência do Iluminismo na formação da consciência emancipatória da “inteligência” nacional. É parte integrante do ideário inconfidente e ainda da recomendação expressa de José Bonifácio, patente em diversas passagens de sua vida política, principalmente quando propôs, inclusive o nome da nova capital (Brasília), durante a realização, em 1823, da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil.

A constituição de 1891 já incorporava formalmente a necessidade da mudança da capital, pois era um imperativo de segurança e progresso da nação, conforme foi possível verificar a luz da experiência da Guerra do Paraguai. Era urgente integrar as ilhas de civilização dispersas no litoral atlântico: um imenso vazio de dimensões continentais, o qual se constituía em uma ameaça à unidade e à defesa nacional.

O projeto nacional-desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek teve como meta-síntese a construção da Capital Federal propagada pelo lema “50 anos em 5”. A construção de Brasília em um curto lapso de tempo apontava para a promessa de redenção de um país “atrasado e agrário” para um futuro “moderno e industrial”. O plano de metas completava-se com a construção e mudança definitiva da capital, em consonância com a ideologia positivista de “ordem e progresso”, atualizada pelos termos “segurança e desenvolvimento”.

Brasília impulsionaria a auto-colonização e a auto-conquista do território nacional e promoveria um “novo ciclo bandeirante” (JK, 1975, p. 9). Segundo esta premissa, Brasília promoveria uma enorme onda de modernização nas regiões centrais e seria um passo essencial para “deslocar” o eixo econômico da Região Sudeste. Tratava-se de um imperativo da razão de Estado, expresso na conceituação estratégica da nova capital como meta-síntese (JK: 1975, p.10) do desenvolvimento nacional, e deveria se constituir em símbolo da criatividade de um povo capaz de construir uma civilização técnico-científica dos trópicos. A relevância simbólica de Brasília “desvenda e confirma o desejo obsessivo da elite tecno-burocrática de auto-legitimação, a partir da

crença no primado absoluto da racionalidade tecnológica sobre o indivíduo” (Castelo Branco: 1987, p. 28).

O processo de consolidação de uma modernidade ambígua, assentada num projeto de desenvolvimento nacional amparado na perspectiva das elites, trouxe à tona, novamente, as diferenças e desigualdades do país, numa situação embalada pelo discurso protagonizado pelo Presidente de um progresso vertiginoso. Esse discurso foi acolhido pela população que nele depositou confiança e esperou. Tal sentimento pode ser verificado no ânimo dos próprios construtores que aqui chegaram. “O trabalho era pesado, mas era entendido como prazer, escolha, gosto” (Silva: 1997, 88).

II. E nascem aquelas que não foram planejadas – as cidades satélites

Diante do conturbado e instigante quadro da construção da Capital, a demanda por moradia, por parte dos construtores, emerge e toma forma. Os construtores chegaram ao Planalto Central, futura sede da Capital da República, em caminhões paus - de arara¹. Em princípio as famílias não vieram, no entanto, posteriormente, quando chegaram ao Planalto Central não possuíam lugar para instalação de sua moradia. A chegada das mulheres e filhos destes construtores alterou o cotidiano da cidade, bem como criou um novo tipo de demanda – moradia para os construtores. De início, segundo o Plano Piloto, não seria permitido aos construtores a fixação de residência na Capital, mas sim, o retorno aos seus rincões. De fato, isso não ocorreu e já em 1958, o governo local (Governo do Distrito Federal – GDF) teve que voltar atrás em sua decisão de não permitir a fixação de residência dos construtores e autorizou a criação da cidade de Taguatinga.

Antes de se tornar uma cidade era um assentamento sem nenhum tipo de infra-estrutura urbana ou algo parecido. Para lá foram enviados aqueles habitantes das conhecidas “invasões” (favelas). Foram também transferidos os moradores dos acampamentos (alojamento de operários).

Aqui temos uma ruptura com o Plano Piloto de Lúcio Costa, pois este não previa a construção de nada além do Plano original, em outras palavras nada que excedesse o traçado original em formato de cruz – Eixo Monumental (corta a cidade de leste a oeste) e Eixo Rodoviário (corta a cidade de norte a sul). A cidade seria compacta, adensada neste perímetro. No entanto, a

¹ Caminhões com uma espécie de gaiola com pequenas janelas que transportavam retirantes nordestinos em bancos de madeira. A viagem durava mais de uma semana e os viajantes não tinham nenhum tipo de conforto ou segurança durante o percurso.

dinâmica urbana rompeu essa lógica e evoluiu, de acordo com as palavras de Aldo Paviani, para uma “cidade polinucleada” (PAVIANI: 2003).

Ao invés de existirem bairros ou municípios ao redor da Capital, foram construídas cidades distantes do Plano Piloto, que, ao longo dos anos, foram sendo equipadas, ainda que precariamente, como observaremos adiante, para o funcionamento daqueles espaços como cidades.

III. A cidade do Gama – alguns aspectos e perspectivas

Ao longo dos 50 anos da existência de Brasília a ocupação das terras foi um capítulo de grande relevância para a capital. Em primeiro lugar, tem-se aqui uma peculiaridade: mais de 70% das terras são públicas e, portanto, toda a ocupação poderia ser planejada e projetada pelo poder público. No entanto, o que se tem na cidade é o metro quadrado mais caro de todo o país. Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), o metro quadrado de um apartamento de dois quartos na Asa Norte é vendido, em média, por R\$ 2,9 mil. Na Asa Sul, sai por R\$ 2,6 mil. Assim, a alternativa encontrada para funcionários públicos e trabalhadores em geral é a moradia nas cidades distantes do centro. Esse é o caso da cidade que ora analisamos, a cidade do Gama. Trata-se de uma cidade fundada em 1960 formando o primeiro núcleo de cidades satélites do Plano Piloto de Brasília, junto com as cidades de Ceilândia, Taguatinga, Cruzeiro, Sobradinho e Núcleo Bandeirante. Lá foram assentadas as primeiras famílias dos construtores da Capital Federal. A cidade dista 30 km do centro do Plano Piloto de Brasília e conta com aproximadamente 112 mil habitantes. Desses, 33.197 possuem entre 10 e 24 anos, ou seja, quase 30% da população (BRASILIA, PDAD, 2004).

O intuito de escolher uma cidade distante do centro urbano é descobrir as peculiaridades que circundam a vida de jovens moradores na periferia da capital brasileira. Procuramos compreender como esses jovens se percebem e ocupam o espaço urbano da cidade em que vivem. Para tanto, foram lançadas duas estratégias de pesquisa de campo – a observação participante no único Shopping da cidade e a realização de um grupo focal numa escola de ensino médio da cidade com a participação de treze jovens.

Antes de nos lançarmos ao trabalho empírico, foi realizado um trabalho de pesquisa com cinco jovens pesquisadores, estudantes do ensino médio, em maio de 2008, em virtude do projeto de pesquisa já citado anteriormente. Ao longo de oito meses esses jovens tiveram a oportunidade de se preparar por meio de leituras acadêmicas para ir a campo analisar e observar a cidade em que nasceram com “olhos de pesquisadores”.

O instrumental das Ciências Sociais, em particular, da Sociologia, colocado à disposição destes jovens, operou uma mudança de perspectiva no olhar e eles puderam iniciar um processo de estranhamento mediado pelo conceito de alteridade instituinte, qual seja compreendida neste trabalho como a capacidade de compreender o espaço urbano e social da cidade pela perspectiva de práticas sociais que ensejam a construção de percepções mediadas pela igualdade (Lúcio: 2009).

III. A juventude do Gama – uma descrição dos participantes da pesquisa

Apresentamos uma tabela com o perfil dos jovens que trabalhamos: o grupo os pesquisadores juniores e os estudantes entrevistados no grupo focal.

Nome	Idade	Escolaridade (ano que cursa do Ensino Médio)	Ocupação remunerada
Ana Beatriz	16	2º	Sim*
Danielle	17	3º	Sim*
Emanuella	15	2º	Não
John Hayatt	18	3º	Não
Juliana	14	1ª	Não
Leônidas	16	2º	Sim*
Maria Luana	17	2º	Sim
Matheus	17	2º	Não
Michelle	16	2º	Sim*
Paulo Henrique	14	2º	Não
Rodrigo	17	2º	Sim*
Ruan Cauê	17	2º	Não
Tayane	16	2º	Não

*Alunos bolsistas – pesquisadores juniores – dedicam 10h semanais para a pesquisa. Dirigiram o grupo focal, como relatores e coordenadores. Na observação participante conversaram com os jovens e registraram a experiência.

Embora todos sejam moradores de uma cidade da periferia cuja renda domiciliar mensal se encontra entre 0 e 5 salários mínimos, em 63,10% dos domicílios (PDAD, 2004), nota-se um esforço das famílias em manterem seus filhos exclusivamente na escola. Pode-se inferir uma crença em que uma melhor formação traz melhores condições no ingresso no mercado de trabalho. Indagados sobre a renda média da família os jovens foram unânimes em afirmar que o que os pais ganhavam era suficiente para que “vivessem bem”, com controle dos gastos, é verdade, mas os recursos eram suficientes para as necessidades básicas.

Em relação à formação escolar dos pais verificou-se neste grupo uma formação maior das mães, sendo que três delas possuíam pós-graduação *lato sensu* e duas graduação. Somente dois pais possuíam graduação e os demais possuíam uma formação menor que suas esposas. Dois entrevistados informaram que seus pais pagaram o curso de graduação das esposas.

Dos entrevistados três afirmaram que seus pais eram separados de suas mães e não contribuía para o sustento da casa ou dos filhos, dessas somente uma das mulheres possuía pós-graduação, as demais possuíam ensino médio. Na cidade somente 0,5% da população possui nível superior completo e 25,2% ensino médio completo (PDAD, 2004). Pode-se afirmar que esses jovens estão entre as famílias com a maior formação da cidade e talvez, esse pertencimento explique o fato de os pais e mães confiarem na instituição escolar como medida de inserção no mercado de trabalho.

IV – A cidade sob a perspectiva da juventude – o discurso dos jovens

A distância do Plano Piloto se apresenta a esses jovens moradores da cidade do Gama como uma distância de outra ordem, uma distância social, ou melhor, um distanciamento dos locais de prestígio e de reconhecimento social, econômico e político. Para eles é difícil ser visto e ouvido na cidade em que nasceram e vivem.

A ausência de prestígio é sintetizada por esses jovens pelo olhar. Quando estão no Plano Piloto afirmam serem olhados de forma curiosa e complacente – *“como você consegue morar tão longe? Deve ser difícil para você morar numa cidade como o Gama...”* – e, curiosamente, ao mesmo tempo, eles anunciam o mesmo raciocínio em relação aos moradores de cidades com menos prestígio e recursos materiais que a cidade do Gama, cidade onde vivem. Verifica-se um efeito cascata em que aqueles que são discriminados em determinadas situações findam por repetir a discriminação quando se encontram em situação de vantagem diante de outros jovens. Ao invés de estranhamento da situação, a repetição simples e direta. A análise do discurso nos auxilia na compreensão das falas na medida, em que segundo Eni Orlandi (1999), o discurso reflete a maneira de como a linguagem se materializa na ideologia e como esta se manifesta na língua. Há, portanto, sempre no dizer um não-dito necessário, algo que está para além de uma frase ou expressão. Assim, por meio da aplicação do instrumental da análise do discurso, pode-se dizer que para esses jovens um simples olhar denota o seu lugar de fala determinado pelo lugar de moradia.

Um ponto de concordância entre moradores do Plano Piloto e moradores do Gama é a percepção de que o Gama não possui alternativas concretas de lazer. Para os jovens entrevistados o

lazer é uma prioridade não satisfeita e seria a base fundante de um tempo para relaxamento e descanso, em síntese a possibilidade de se contar construir um círculo de amigos. Segundo Juliana (14 anos, estudante do 1º ano do ensino médio), “*o que faz o lazer é a interação entre amigos. Se você não tem amigos... pode ser até colegas... você não tem nada!*” e Hayath (18 anos, 3º ano ensino médio) corrobora: “*Ser jovem aqui no Gama é muito difícil. Se você não tem um círculo de amizades, vc não tem nada...*”. Para eles há uma forte relação entre lazer e amizade, um não teria sentido sem o outro. A busca por amizade é uma regularidade materializada no discurso desses jovens, pois na medida em que materializam situações concretas de socialização fundamentalmente vinculadas ao ato de conquistar e manter os amigos verifica-se um forte apelo desta condição para construir uma noção de pertencimento.

Como dito sem a amizade não seria possível o lazer, segundo os jovens, e a escola foi determinada por eles como o lugar fundamental para esse encontro. Essa perspectiva corrobora alguns estudos recentes em que a espaço escolar tem adquirido novos contornos, cada vez mais funcionando como espaço de interação e integração social. Isso se deve ao fato de a rua ter se transformado em um espaço aberto repleto de disputas, tanto nas periferias, como nos centros. Com o intuito de se salvaguardarem, os jovens se apropriam do espaço escolar como um espaço de grande convivialidade envolto em segurança. Ao invés das praças ou outros tipos de espaços públicos, o pátio da escola. Indagados se eles se sentem livres para ocupar outros espaços públicos afirmam:

Livres? Eu não me sinto não, porque falta uma certa segurança. Eu, eu trabalho, né. Eu chego quase sete da noite e digo, vamos fazer uma caminha, vamos? Como é que eu vou fazer? Andar naquela estradinha cheia de mato onde o povo se esconde? (Maria Luana, 17 anos, 2º ano ensino médio)

A gente vê em outras cidades aqui perto que você chega lá a qualquer hora e tem gente nas praças, tem gente jogando bola. Conversando coisas... (Ruan Cauê, 17 anos, 2º ano do ensino médio).

Aqui a gente fica preso ao Plano Piloto. Fica uma espécie de prisão, como a gente não tem nada, a gente quer ir para o Plano. (Hayath, 18 anos, 3º ano ensino médio)

Como a cidade não oferece lazer o grupo de amigos vai procurar lazer em outras cidades (Tayanne de Souza, 16 anos, 2º ano ensino médio)

A noção de espaço público apresentada por essas falas nos apresenta a constituição de um espaço atravessado pelo medo e pela desconfiança. Essa construção traz consigo uma carga simbólica na ocupação do espaço urbano, esperam que a cidade ofereça espaços institucionalizados para determinadas práticas sociais, a rua, simplesmente não se mostra suficiente, a rua é percebida como terra de ninguém, espaço da insegurança. Há, portanto, uma atribuição simbólica de valor a

determinados espaços. Espaços esses que fariam com que seus usuários se aproximassem de outros usuários de condições sociais superior, nesse caso os espaços regulados e institucionalizados seriam os espaços mais seguros.

Na primeira fala é interessante ressaltar que a jovem entende que o único lugar possível para uma caminhada seria um calçadão ao lado da avenida de entrada da cidade. Ela percebe o calçadão como um lugar inseguro após as 19h, pois anterior a este horário ele é patrulhado por policiais militares montados em bicicletas ou motocicletas. Ela não aventa a possibilidade de caminhar em sua rua ou mesmo nos arredores de sua casa. Nesse caso, pode-se perceber que houve uma institucionalização da caminhada, como se ela só pudesse acontecer naquele local específico. O espaço aberto não seria dotado de condições de uso, a caminhada, na maior parte das vezes, é transferida para um espaço institucionalizado, a academia, espaço que só pode ser utilizado caso se tenha recursos para manter o pagamento mensal.

É possível afirmar que as falas acima nos remetem à constituição do espaço urbano marcado pelos déficits, pela ausência, ou seja, um espaço construído em negativo, em outras palavras, as promessas da modernidade se concretizando nesse lugar por intermédio das ausências (Santos: 2006)

A casa, segundo os entrevistados, após a escola seria o espaço mais importante e onde permanecem a maior parte do tempo livre. Segundo eles existem aqueles que são “casa-escola-estágio” e outros que são “casa-igreja-escola”. De acordo com os depoimentos a casa é o espaço de realização plena, nela sentem-se amparados e seguros para “viver a vida”. Importante observar que em sendo a casa um espaço de realização individual, essa geração contrasta com a de seus pais que em sua maioria não teve tanta liberdade e espaço na casa paterna e optaram por saírem cedo desse lar, seja para se casarem, seja para morarem sozinhos ou com amigos. Para essa juventude não existe essa possibilidade, eles pensam em trabalhar para contribuir com a sua família, pois não acham que teriam condições de se manterem com o mesmo padrão de conforto que têm hoje. A fala desses jovens confirma a pesquisa realizada pelo Núcleo Jovem (2008), de acordo com os dados desta pesquisa, 77% dos jovens citam a casa como lugar em que eles mais gostam de estar na cidade e 22% afirma se sentirem inseguros ao transitar pela cidade. Ainda para esses jovens, a cidade ao mesmo tempo em que encanta e abre possibilidades, assusta, pois ao se deslocarem se deparam com obstáculos, tais como o grande fluxo de veículos, a apropriação das calçadas pelos carros e invasões comerciais e residenciais e ainda 22% dos entrevistados, segundo dados da mesma pesquisa, afirma ficarem irritados com a poluição sonora e visual.

O grupo focal realizado e a pesquisa Núcleo Jovem corroboram quando se fala em tecnologia, em particular ao uso de computadores do tipo PC, esse se mescla à convivência cotidiana na cidade. Ao vincular o uso do computador à conquista da segurança sintetizada na casa dos pais, os entrevistados afirmam que utilizá-lo é uma maneira de viver na cidade e se “aventurar” fora dela. Confirmam ter amigos de vários estados e países, mas também admitem frequentar *blogs* e páginas de relacionamento, tais como *Orkut*, *Messenger*, *Face Book*, dentre outros, para conversar com os amigos da escola ou da vizinhança. Esse espaço de interação abre aos jovens uma possibilidade inusitada. A possibilidade de flexibilizar seus relacionamentos, ao mesmo tempo em que supre duas grandes necessidades atuais, a de se sentir seguro e de se sentir parte de algo, ou seja, usufruir de uma sensação de pertencimento. Ao mesmo tempo em que não se arriscam nas ruas ou no “olho no olho” (interações face a face), “optam” pelas interações mediadas como uma maneira de construir espaços de compartilhamento e cumplicidade.

Em termos de apropriação do espaço urbano pode-se dizer que essa geração tem uma nova forma de utilização dos equipamentos, pois antes mesmo de vivenciar os espaços materiais têm uma relação virtual com eles. Tomando como exemplo nosso trabalho de campo, na cidade do Gama existe somente um Shopping, nele a maioria dos jovens da cidade marca encontros.

No entanto, eles não podem ficar dentro do prédio, segundo a administração, a presença destes jovens “assustaria” aqueles que vieram consumir. A gerencia faz uma explícita referência ao modo de se vestirem: a pesada maquiagem, os cabelos cortados de modo não convencional, sobreposição de várias peças de roupas, provocando um ar pouco usual, conferem a estes jovens um “ar perigoso”. Esse seria o motivo para não se reunirem no espaço interno ao shopping center, são privados do espaço institucionalizado e se vêem na condição de ocupantes dos arredores do shopping. Os encontros são marcados, muitas das vezes, por meio das conversas online, determinam hora e pontos específicos de encontro. Alguns jogam truco, outros tocam violão, outros ainda levam seus *skates*, mas não podem utilizá-los, pois não existe pista. Sentam-se no gramado ou mesmo à beira do asfalto e se confraternizam: marcam novos encontros, namoram, se beijam, se abraçam, se conhecem e se permitem a experiência de conhecer novas pessoas.

Um assunto que permeia os grupos é também a ausência de equipamentos públicos de uso coletivo para as necessidades de cada grupo. Aqueles que gostam de música reivindicam a presença de espaços para shows, de projetos que envolvam os jovens músicos e compositores. Além disso, reivindicam espaços para que eles possam aprender a tocar outros instrumentos. Aqueles que são afeitos à prática do *skatismo* reclamam uma pista e assim por diante. Todos têm reivindicações não

satisfeitas, enquanto elas não se realizam, esses jovens se contentam em sentar e conversar sobre o cotidiano.

Nesses pequenos grupos ao redor do shopping em conjunção com o grupo que participou do grupo focal percebeu-se a necessidade de buscar lugares protegidos, lugares em que eles pudessem relaxar sem se preocupar com sua integridade física.

Os jovens entrevistados admitiram uma grande cautela no que concerne à ocupação do espaço público, para eles a ida à rua é algo programado, refletido e que obrigatoriamente tem que ser autorizado pelos pais. Por isso, em muitos casos ocupam virtualmente a cidade, utilizam a internet como espaço público. A circulação pela cidade, condição crucial para a construção de espaços públicos em que as pessoas são vistas e ouvidas, se encontra obstada neste contexto.

IV. Algumas percepções – à guisa de conclusão

Durante o campo e a convivência de quase um ano com os jovens desta cidade nos propiciou algumas constatações relevantes no que diz respeito à constituição de uma cidade de livre circulação para os jovens e também para os demais moradores.

A insatisfação dos jovens com os equipamentos públicos ofertados é inequívoca. Para eles esse seria um sinal concreto e determinante de que morar no Gama traz consigo um padrão de segregação social, pois em sendo o Plano Piloto o referencial positivo, tudo que está distante deste centro já carrega os indicadores da ausência de prestígio e reconhecimento social. Para eles isso dificultaria o ingresso em boas instituições de ensino superior, pois eles já pensam que não se adequariam à convivência com as pessoas que sempre os olha de uma maneira diferenciada. Como vimos anteriormente a amizade e o acolhimento são condições fundamentais para a permanência em determinados ciclos sociais. O afeto representaria, neste caso, uma capa protetora diante de um futuro incerto e árduo. Eles vêem os pais como fortaleza e a casa como uma fortificação, declararam deixar de andar com algumas pessoas “diferentes” para não incomodar aos pais.

A liberdade, para eles, ganharia, nesse contexto, de busca permanente de aceitação, uma nova conotação, eles precisam sentir que podem se expressar, falar, cantar, pintar ou escrever. Valorizam atividades em que podem ser vistos e ouvidos. Aqui uma constatação interessante: já que não possuem as praças e espaços públicos para se moverem, optam por espaços institucionalizados tais como a escola, o local de estágio, a igreja e a própria família, como espaços que possibilitam a livre expressão, crêem que nestes locais seriam ouvidos e respeitados *a priori*.

Diante das transformações sociais, em particular a introdução na vida cotidiana das conexões virtuais, os jovens têm em suas mãos a possibilidade de expansão dos sentidos e das experiências, sendo que o crucial dessas experiências é a transformação do olhar do jovem em relação à cidade, essa ganha novas características e absorve demandas inéditas.

Os equipamentos públicos de uso coletivo requeridos por gerações anteriores sequer são citados por esse grupo entrevistado, nenhum deles colocou a ausência de quadras de esporte, por exemplo, como algo limitante para o exercício da liberdade e da individualidade. Para eles, ter direitos significa poder acessar a cidade e os equipamentos públicos que dialogam de certo modo com as experiências que têm tido no espaço virtual, ou seja, querem espaços em que grupos de outros estados, de outras culturas, venham se apresentar e tragam novos ritmos, novos movimentos. Em verdade, esperam que os equipamentos públicos sejam espaços nos quais eles dêem continuidade à experiência virtual. O encontro seria um espaço de extrapolação do próprio escopo citadino, desejam no encontro real realizar as experiências alargadas do espaço virtual.

Outro elemento que ocupa espaço nas relações sociais citadinas são as chamadas mídias do corpo (celular, mp3, laptop, dentre outros), essas potencializam os sentidos desses jovens usuários e transformam o corpo num espaço que gera conexões sem fios e meio de alargamento das sensações e vivências. O volume de experiências que possuem vai se refletir na intensidade da relação que estabelecem com a cidade material, a cidade real.

Ao longo desta pesquisa tem-se percebido modalidades distintas de absorção da cidade e de seus equipamentos, esses jovens desejam uma cidade que minimamente realize suas experiências virtuais. Pensam no futuro como algo distante e inatingível, pensam a si mesmos como pessoas que precisam de espaços fortalecidos que os protejam. E ao mesmo tempo se percebe na sociedade contemporânea a individualização, o fim de redes sociais protetoras, e assim, percebemos nesses jovens um comportamento desconfiado em relação ao futuro e a si mesmo. Olham para os eventos sociais e nos pareceu que se sentem também perplexos, como se estivessem assistindo a vida e esperando o melhor momento para ingressar nela como protagonistas. Neste momento simplesmente se fortalecem...

Referências Bibliográficas

- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Rio de Janeiro, HUCITEC, 1996
- MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUREZ, Gerard. A construção das ciências – introdução à filosofia e a ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte. A construção de Brasília – modernidade e periferia. Goiás: EdUFG, 1997.
- CASTELO BRANCO, Lúcio. Brasília: do centro à periferia ou uma viagem redonda. In, Urbanização e metropolização – a gestão dos conflitos em Brasília. (org.) Aldo Paviani. Brasília: EdUnB, 1987.
- WELLER, Wívian. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. In, Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103-115, Jan./Abr. 2004.
- BRASÍLIA. Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central. Pesquisa por Amostra Domiciliar – PDAD. Brasília: 2004. Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/>.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KUBTSCHEK, Juscelino. Por que construí Brasília? Brasília: Senado Federal, 1975.
- NÚCLEO JOVEM. Pesquisa novos consumidores. Disponível em http://www.njovem.com.br/novos_consumidores.asp.
- CBIC - Câmara Brasileira da Indústria da Construção. Imóveis em Brasília. Disponível em <http://www.cbicdados.com.br/textos.asp?tipo=5> .
- LUCIO, Magda de Lima. O lugar da juventude na Vila Varjão. Revista Urbes. Volume I. nº I. Disponível em [www.pucpr. Br/urbe](http://www.pucpr.br/urbe).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- PAVIANI, Aldo. Ambiente urbano com desemprego. In, Brasília: controvérsias ambientais. Brasília: UnB, 2003.